

Numa época de mudanças explosivas, êle procurou a sabedoria dos antigos. Sua obra pode trazer uma nova compreensão ao tumulto da nossa época

ERASMO

Mestre para o Mundo

ERNEST O. HAUSER

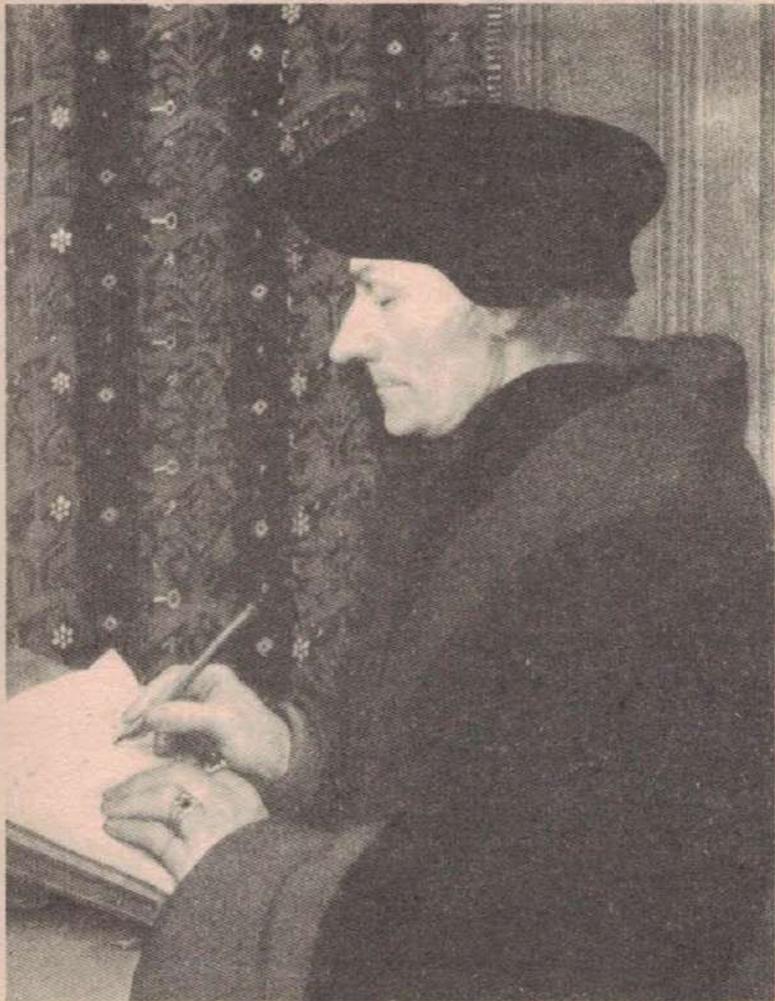


ENTRE OS arquitetos da nossa cultura, poucos merecem tanto crédito quanto Erasmo em muitos de seus valores básicos. O famoso humanista, que há 450 anos era reconhecido como o árbitro da fé e da moral européias, tem muito a dizer em nosso século confuso. Sua defesa apaixonada da liberdade humana, sua tolerância, sua aversão profunda ao preconceito e, acima de tudo, sua vida inteira dedicada a fazer os cristãos retornarem às fontes puras da sua fé, fazem de *Desiderius Erasmus Roterodamus* uma figura eterna.

*Desenho de Holbein, de 1517,
na margem de «O Elogio da Loucura»*

Sua contribuição no reino do saber é imensa. Sua obra, que vai de um apêlo arrebatado contra a guerra de agressão a comentários eruditos sôbre os Padres da Igreja, enche sete volumes enormes, impressos em tipo pequeno. Um erudito, êle trouxe à luz a sabedoria dos antigos, transmitindo-a, com freqüência em resumos, às gerações futuras. Assim êle ajudou a implantar na mente ocidental um respeito profundo pelas glórias impercíveis do passado, um senso de continuidade que, até hoje, impregna tôda a nossa civilização.

Entretanto, êste grande mestre tinha sua veia de humor. *O Elogio da Loucura* foi a sua obra predileta. Escrito para divertimento



*Erasmus de Roterdã,
de Hans Holbein*

(CORTESIA DO MUSEU DO LOUVRE)

do próprio autor, o encantador livrinho, cheio de sátiras bem-humoradas sobre a dignidade enfatuada da nobreza e altos dignitários, foi um *best-seller* imediato.

Erasmus era filho ilegítimo, nascido em Roterdã, provavelmente em 1469, o fruto do amor de um padre erudito chamado Gerard e da filha de um médico de aldeia. Quando rapazinho, entrou para o convento agostiniano em Steyn, na Holanda. Mas a inquietação interior de Erasmus o incitava a horizontes mais amplos. O fato de ser holandês o teria impedido de alcançar renome internacional se ele não tivesse aprendido latim, então a língua comum dos europeus edu-

cados. Ignorando as fronteiras de sua terra natal, ele se considerava um verdadeiro cidadão do mundo.

Obteve permissão para deixar o mosteiro e foi para a Universidade de Paris, vibrante centro de erudição. Vastas promessas pairavam no ar. A invenção da arte de imprimir por Johann Gutenberg provocara uma explosão de cultura, e uma volta aos estudos clássicos, a que chamavam humanismo, mal havia começado a varrer as universidades do Norte da Europa. Em Paris, o mênico de cabelo louro sentava-se maravilhado aos pés de professores famosos. Ganhava a vida lecionando, e logo produziu alguns ensaios eruditos que o colocaram entre a elite internacional.

Magro e de saúde delicada, Erasmus resfriava-se e adoecia com frequência. Era como se toda a sua força estivesse concentrada no cérebro. Seus retratos, pintados por Dürer e Holbein, apresentavam-no como um intelectual quase imaterial, o rosto ossudo acentuado por um nariz longo, reto, pontudo, e os olhos azul-claros sombreados por pálpebras pesadas.

Erasmus cornelio suo Salute Dicit.
 Quando omnia mi corneli que abs te profinis-
 cutu. nos magnifice Cut equu est O
 literis tradim / quoy multuz nostuz ne-
 ressitudinib tu singularis tue eruditionis gra-
 cia : far omni incubas cura / eritave / gtendas
 ne quid parvi exactu atqz pspertu. i luce pro-
 dire sinas. Sicut quidem posteritate digna
 tua omnia : veru ut tuo quoz ugerio / tuo noi.
 tue doctriuz respondeat farito. Et qz enim

Exemplar da caligrafia
de Erasmo, 1489

Ele aparece geralmente envolvido numa sotaina longa, folgada. Entretanto, desta aparência emana um encanto sutil que faz do intelectual pálido um ser humano profundamente simpático.

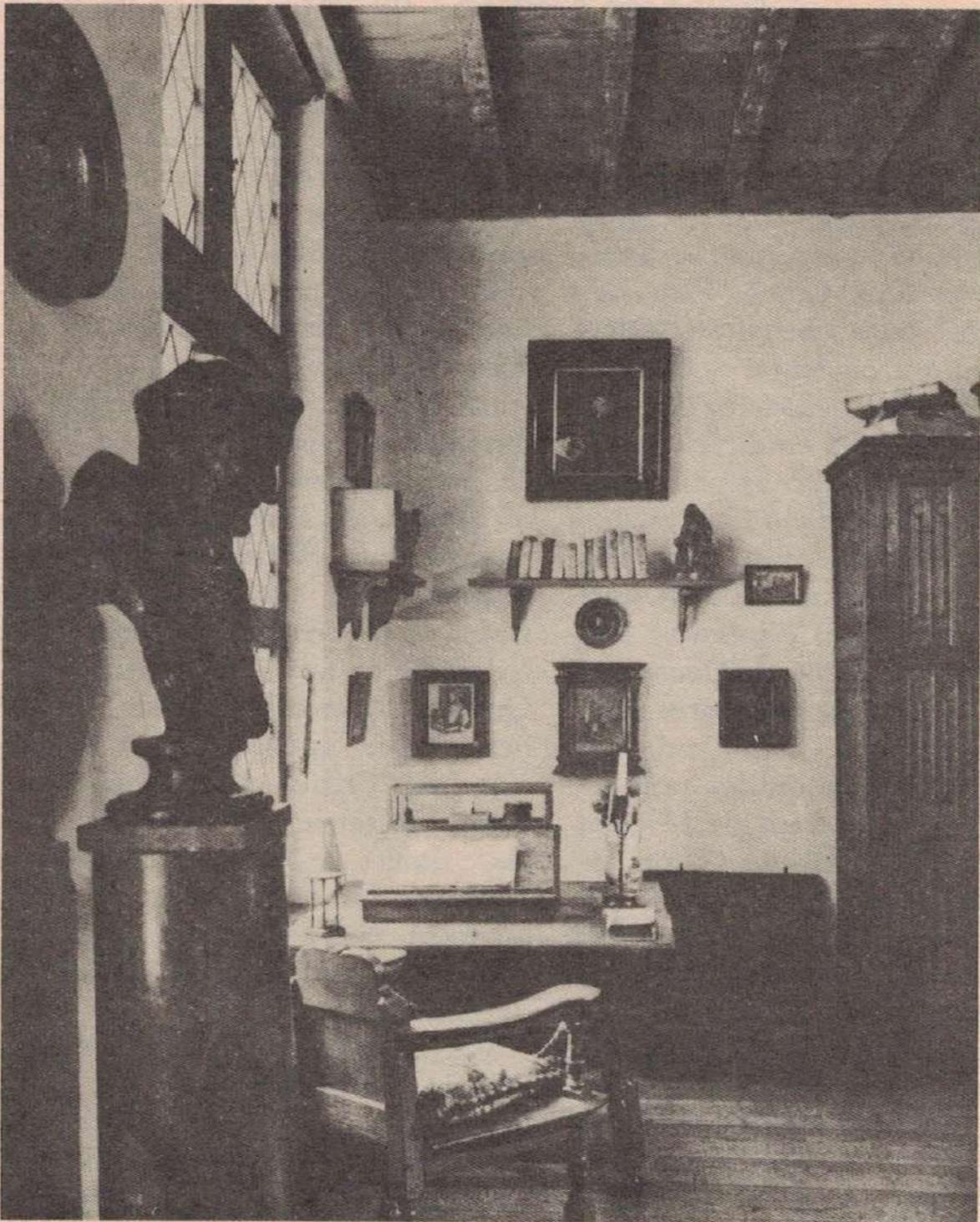
Erasmo acabava de completar 30 anos quando um de seus alunos ingleses o persuadiu a ir para a Inglaterra. A atmosfera livre e descuidada da Inglaterra dos Tudor encantou o jovem de Roterdã. Da mesma forma, o espírito brilhante de Erasmo, o refinamento de sua erudição e suas opiniões pouco ortodoxas conquistaram todos os corações. Ele lecionou durante dois anos na Universidade de Cambridge e seu círculo de amigos íntimos incluía Thomas More e William Warham, Arcebispo de Canterbury.

O alto padrão de cultura que Erasmo encontrou na Inglaterra o persuadiu a ampliar seus próprios conhecimentos e estudar o grego antigo, na época conhecido apenas por um pequeno grupo de supereruditos. Passou então a dedicar-se à busca de um tesouro que deveria durar quase toda a sua vida. Erasmo explorou os sótãos de mosteiros em ruínas à cata de manus-

critos que não haviam sido tocados havia séculos e debruçou-se sobre pergaminhos mofados contendo textos inéditos gregos ou latinos. Para um de seus trabalhos, selecionou provérbios de autores e adornou-os com comentários loquazes e digressivos que levavam o leitor à Grécia e Roma antigas — sua vida diária, sua alimentação, suas ferramentas, sua religião. Uma enciclopédia de pensamento humanístico muito agradável de se ler, *Adágios* ou «Provérbios», tornou-se um dos livros mais citados no mundo. Muitas de suas preciosidades — «A cavalo dado não se olham os dentes», «Dar nome aos bois» e inúmeras outras — são parte de nossa conversação diária.

Erasmo, cuja única renda certa era uma minguada pensão que o Arcebispo de Canterbury lhe havia arranjado, dedicou a maior parte de seus livros novos a chefes de estado, recebendo somas em dinheiro como agradecimento. Mas, ainda que sua vida oscilasse entre fartura e fome, o escritor obstinadamente recusava-se a trocar sua liberdade pela segurança.

Seu espírito ferino era temido



Estúdio de Erasmo, em Anderlecht, perto de Bruxelas

por tôda a parte. Mantinha acirradas disputas com eruditos que ousavam discordar dêle. Como castigo, freqüentemente transformava um adversário — de modo a ser por todos reconhecido — num personagem cômico dos seus *Colóquios*, uma coleção muito popular de peças contundentes, que tratavam de pro-

blemas da época, e que aumentavam rápidamente. Mas, entre amigos, êle era alegre e gostava de contar histórias divertidas. Ia longe por um bom Borgonha e gostava de boa comida, mas detestava peixe, recomendado aos católicos em certos dias. Perto dos 50 anos, obteve do Papa dispensa de usar

hábitos monásticos, embora continuasse padre.

Não obstante, Erasmo era cristão, antes de mais nada. Encontrara em grandes pensadores como Cícero e Platão muita coisa que se antecipava à ética de Cristo. Para êle, a fusão das duas correntes principais da cultura ocidental — os clássicos e o Evangelho — era uma tarefa essencial da erudição cristã. «Eu já queimei muito as pestanas», escreveu êle, «estudando os gregos e os latinos. Não faço isso em busca de uma glória vã ou de uma satisfação intelectual e infantil, mas para adornar o templo de Deus com o esplendor daqueles tesouros.»

Como cristão e como erudito, Erasmo sentia que muitas práticas da Igreja se desviavam da fé pura e sincera dos Apóstolos. Uma reforma era necessária e, para seu espírito humanista, devia começar com uma revisão dos próprios textos sagrados. A única versão da Bíblia então existente, a «Vulgata» latina, era cheia de erros e passagens obscuras. Dedicando-se à exaustiva tarefa de fazer o próprio grego original acessível aos teólogos, Erasmo produziu assim a primeira Bíblia grega que se imprimiu. Pela primeira vez, ali estava o Evangelho como os Evangelistas o haviam feito!

Um de seus leitores mais atentos foi o seu contemporâneo Martinho Lutero, que cinco anos depois se baseou grandemente no texto de Erasmo para sua tradução do Novo Testamento para o alemão. A Re-

forma já estava em pleno andamento e Lutero acompanhava Erasmo com admiração. Quanto mais o observava, maiores eram suas esperanças de lhe dar as boas-vindas no campo rebelde.

Os dois homens nunca se encontraram. Por temperamento, o delicado e sensível Erasmo e o violento Lutero estavam a léguas de distância. Todavia, em sua torre de marfim, Erasmo criticava tanto os abusos da Igreja quanto o Reformador de Wittenberg. «Ensino, realmente, as mesmas coisas que Lutero», reconheceu certa vez Erasmo, «mas sem violência.» Quando Lutero, por carta, lhe solicitou que apoiasse seu «irmãozinho em Cristo», Erasmo não quis comprometer-se. A reforma, para êle, tinha de ocorrer *dentro* da Igreja. «Mantenho-me neutro», escreveu êle a Lutero, «para me concentrar no novo florescimento da cultura.»

Entretanto, o principal intelectual do Norte da Europa não podia ficar indeciso para sempre. Na Universidade Católica de Louvain, na Bélgica, que foi por muitos anos o centro de operações de Erasmo, muitos o chamavam herege. O Rei Henrique VIII da Inglaterra e o Papa Adriano VI — um compatriota holandês e velho amigo — pressionaram-no para limpar seu nome e se manifestar abertamente contra Lutero. Depois de um prolongado exame de consciência, Erasmo por fim jogou seu prestígio na balança. Seu famoso panfleto, *Do Livre-*

Arbitrio, atacava a Reforma no único campo de batalha que êle conhecia: o da razão. Desafiando a doutrina básica de Lutero, a da Salvação pela Fé, êle argumentava que, sem nossa liberdade de escolher entre o mal e o bem, o castigo ou a graça de Deus perderiam seu significado. Lutero respondeu de maneira devastadora, com o seu *Do Arbitrio Sem Liberdade*, e, na intimidade, não escondeu sua tristeza em ver Erasmo no campo papista. Irônicamente, muitos católicos influentes ainda consideravam Erasmo um Lutero dissimulado. Alguns de seus livros foram proibidos e dizia-se que «Erasmo pôs o ovo que Lutero chocou».

Erasmo mudou-se para Basiléia, a cidadela da cultura clássica, onde colaboraria com seu amigo íntimo, o editor Johannes Froben. Passou oito anos tranqüilos fazendo o que mais gostava: publicando textos antigos e trabalhando na barulhenta oficina impressora. Figura universal, êle recebia cartas e visitas de príncipes,

clérigos, diplomatas e colegas eruditos. Mas o grande tumulto que então engolfava a Europa chegou a êle. Basiléia tornou-se ativamente protestante e Erasmo achou prudente partir. Na cidade de Freiburg, na Floresta Negra, governada pelo Imperador da Áustria, êle sentiu-se suficientemente seguro para comprar a única casa que jamais possuiu, e continuou a escrever e publicar, cercado por um pequeno grupo de assistentes. Finalmente, enfraquecido por uma velhice prematura, voltou a Basiléia, onde o filho de Froben lhe oferecera um escritório confortável em sua casa.

Até ao fim, êle manteve sua independência com uma vontade obstinada. No grande conflito que dividira a Igreja, homens de ambos os campos o haviam considerado como um personagem acima do clamor dos partidos. Em julho de 1536, êle morreu em paz com seu próprio Deus e sem a assistência do clero, fiel a si mesmo até ao último suspiro.



ROBERT LOUIS STEVENSON observou que arte é saber o que deixar de fora. A nossa memória, que esquece tanta coisa, é artista desta escola. O incompleto sobrevive; a parte sobrevive ao todo. E todos nós conhecemos a agonia de ouvir um homem que tem uma lembrança total. Com efeito, se um indivíduo cacête parasse antes do fim da sua história, seria menos cacête.

Outro atrativo do incompleto: faz-nos imaginar. Quem já ouviu a *Sinfonia Inacabada*, de Schubert, sem pensar onde o autor teria sido levado pelos seus temas? Olhe para o alto numa floresta de sequóias, e verá aquêles troncos gigantescos desaparecerem na névoa fina do amanhecer — incompletos como árvores, mas cheios de sugestão.

— Allan Gregg